

ITINERÁRIOS FORMATIVOS NO NOVO ENSINO MÉDIO: reflexões interdisciplinares

Clara Wesllyane Morais da Silva¹

Antonio Anderson Brito do Nascimento²

Vitória Letícia Duarte da Silva³

Jean Mac Cole Tavares Santos⁴

RESUMO

Diante das modificações curriculares ocorridas decorrentes das reformas do Novo Ensino Médio (NEM), além do aparecimento da proposição dos itinerários formativos nesta etapa de ensino, este estudo tem em vista compreender a relação entre a interdisciplinaridade e os itinerários formativos do NEM. Desse modo, a pesquisa tem sua abordagem qualitativa e utiliza como técnica a revisão de literatura, suscitando como aporte teórico, principalmente, os estudos de Fazenda (2008) e Morin (2015) como base para compreensão sobre a interdisciplinaridade, e Ball (2016) e Lopes (2019) nas pesquisas sobre políticas e os itinerários formativos. Por fim, consideramos importante o entendimento sobre as noções de complexidade que envolvem o conhecimento e a recusa deste de modo fragmentado, como maneira de possibilitar a formação global e integral dos estudantes.

Palavras-chave: Itinerários formativos, Novo Ensino Médio, Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre o Novo Ensino Médio (NEM) estão cada vez mais frequente, devido à atualidade das discussões e das recentes modificações curriculares causadas nesta etapa de ensino. Entretanto, nossa pretensão nessa pesquisa não é de apontar as mudanças ocorridas a partir da reforma do ensino médio, mas sim de investigar as possibilidades e as adversidades sobre a construção dos saberes de maneira integral. Logo, é importante que possamos refletir sobre ideia de proporcionar aos jovens estudantes uma formação que não seja fragmentadora, tendo em vista que o conhecimento não é fracionado.

Dessa maneira, surgem os questionamentos em relação às modificações curriculares, no ensino médio, que permitiu o contato com as pesquisas sobre as políticas educacionais e de currículo. Assim, houve a possibilidade de aproximação, também, com os estudos que concernem os itinerários formativos e NEM. Porém, refletindo os itinerários formativos como uma atividade complexa, desse modo, compreendemos que deve ser elaborado e construído seguindo diferentes dimensões, relacionando com os diferentes contextos que circulam o ambiente escolar.

¹Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Ensino (POSENSINO). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa do Ensino Superior (CAPES). Graduada em Pedagogia pela UERN. Integrante do Grupo de Pesquisa Contexto e Educação (UERN). E-mail: clarawesllyanee@gmail.com

²Professor da Educação básica (E. E. P. A. G. B. S.). Mestre em Ensino (POSENSINO). Especialista em Educação e Contemporaneidade pelo IFRN. Graduado em Pedagogia pela UERN. E-mail: nascimento.a.a.b@gmail.com

³Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa do Ensino Superior (CAPES). Graduada em Pedagogia pela UERN.

⁴ Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Professor da Faculdade de Educação (FE/UERN). Líder do Grupo de Pesquisa Contexto e Educação (UERN/CNPq).

Nesse sentido, consideramos relevante perceber como diferentes escolas estão refletindo e executando a proposta dos itinerários formativos no ensino médio, inclusive, a partir das suas dificuldades e singularidades em cada contexto. Assim, esta pesquisa objetivou compreender a relação entre a interdisciplinaridade e os itinerários formativos do NEM.

METODOLOGIA

Para análise desta pesquisa é fundamental considerar que o processo de pensar interdisciplinarmente exige que o profissional docente conheça os limites do seu disciplinar, dessa maneira, é um exercício que exige a reflexão, de modo que, cada disciplina visa transmitir algo sobre o mundo em que vivemos. Dessa forma, a fragmentação que há sobre as disciplinas acaba por diminuir a complexidade existida no todo, tendo em vista que tudo está interligado.

Assim, esta pesquisa é caracterizada como de abordagem qualitativa, pois, conforme aponta Minayo (2001, p. 21) “[...] a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas”. Desse modo, visamos compreender as significações que circundam a temática selecionada para a pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, acreditamos ser válido analisar como o NEM compreende os itinerários formativos. Assim, na página *online* de perguntas e respostas, do Ministério da Educação e Cultura (MEC), publicada no ano de 2018, é realizada a conceituação do que podemos compreender sobre os itinerários formativos. Sendo apontada da seguinte forma:

Os itinerários formativos são o conjunto de disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho, que os estudantes poderão escolher no ensino médio. (...) As redes de ensino terão autonomia para definir quais os itinerários formativos irão ofertar, considerando um processo que envolva a participação de toda a comunidade escolar (MEC, 2018, n.p).

Segundo a proposta, notamos como principal finalidade a promoção de uma formação global que possibilite a aproximação com diversas vivências, dessa forma, fazendo com que os jovens desenvolvam novos saberes, aprimorem a criatividade, e sejam capazes de solucionar problemas. Entretanto, sabemos que é um processo complexo que exige muitas noções para ser bem executado.

Desse modo, acreditamos que a execução dos itinerários formativos no NEM envolve um processo complexo, tendo em vista que deve atender a subjetividade de cada estudante, porém, sabemos que cada jovem possui suas precisões e interesses. Assim, a partir dos estudos de Edgar Morin no livro *Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação* (2015), podemos refletir sobre a oferta dos itinerários formativos, logo compreendemos não haver como ensinar a viver e sim, que aprendemos a viver a partir das experiências com a família, educadores e, também, reconhecemos que viver é algo complexo. Logo, a busca por fixar determinados itinerários é negar a subjetividade dos indivíduos, suas experiências, necessidades e interesses.

Na mesma obra, especificamente no capítulo ‘Viver livre’, Morin irá afirmar que a educação para a autonomia e liberdade está implicada no ensino do que significa a liberdade, logo, o grau de liberdade é proporcional ao grau de liberdade de escolha.

Assim, percebemos o ato de ensinar como algo que não pode ser vinculado com a mera transmissão de conteúdos, mas sim, como possibilidade de transformação da dignidade humana. Como indicou Freire (1996), devemos pensar o ensino como aprendizagem de si e de sua realidade. Logo, é fundamental refletir a noção dos itinerários formativos na perspectiva de perceber como um processo complexo e interdisciplinar. Tendo em vista que a fragmentação dos saberes e o afastamento da realidade dos estudantes acabam por diminuir a complexidade de todo, e que tudo está interligado.

Dessa forma, entendemos que para os profissionais docentes ressignifiquem o pensamento e colocar em plano seu desejo interdisciplinar é uma missão importante, mas, também, desafiadora. Como é defendido por Fazenda (2008, p.87) “Eliminar as barreiras entre as disciplinas é um gesto de ousadia, uma tentativa de romper com um ensino transmissivo e morto, distante dos olhos das crianças e dos adolescentes que correm pelos corredores das escolas”. Especialmente, ao considerarmos a maneira como esse ensino está firmado nas escolas, no qual os professores já ensinam fragmentos, a partir dos conteúdos específicos de sua disciplina, e os discentes acreditam que essa pode ser a única maneira de conhecer sobre a realidade.

Com isso, concordamos com a afirmação de Lopes (2019), na qual descreve sobre como as propostas educativas vindas nos textos oficiais

[...] assinados pelo MEC ou por Secretarias de Educação nos estados e municípios brasileiros têm expressado as lutas políticas por flexibilização curricular, usualmente associadas à inovação e à maior adequação à contemporaneidade do social: interdisciplinaridade e contextualização, competências, temas transversais, currículo por ciclos. [...] apenas recuperam antigas tradições curriculares integradas de viés instrumental, [...] que leva tanto ao questionamento das disciplinas escolares [...] — como tradicionais, retrógradas, desvinculadas dos interesses dos alunos e alunas — quanto à reafirmação das disciplinas (LOPES, 2019, p. 61-62, grifo nosso).

Dessa maneira, a noção de flexibilização curricular já vem sendo colocada nos textos normativos há bastante tempo, porém, ainda notamos que a ideia interdisciplinar e contextual acaba se resumindo ao mesmo currículo tradicional. Sendo colocada em debate assuntos sobre disciplinas, por exemplo, tendo como indagações os conteúdos das matérias, e não havendo a preocupação em reconhecer e confirmar o papel dessas disciplinas na construção e no desenvolvimento dos saberes dos educandos.

Ademais, compreendemos que a separação disciplinar é um fator que possui relação com o não entendimento da complexidade. A proposta dos itinerários formativos não pode ser

considerada interdisciplinar por meramente realizar a junção de disciplinas em um componente, como podemos perceber pelos autores desta pesquisa, são dois processos complexos que envolve essas noções, tanto o pensamento interdisciplinar quanto a formulação dos itinerários que contemplem os interesses dos jovens e os seus contextos.

Percorrendo esse estudo por meio de uma visão descentrada, um dos autores que nos ajuda a refletir sobre a atuação das políticas é Ball (2016) ao propor o processo de atuação das políticas como algo complexo, e bem mais do que os textos oficiais, sendo algo que não obedece a uma noção linear. Compreendemos que as políticas são pensadas, na prática, para além dos textos, logo, essas políticas podem e, é comum, sofrerem contextualizações diante do contexto situado. Além disso, para esse autor, as políticas não são compreendidas como apenas produção do Estado, e sim, a partir do desenvolvimento social. Por isso, o entendimento das políticas deve ter relação com as influências que circulam os contextos, essas influências podem ser vistas como os discursos, os interesses e as vivências, logo, mais uma vez, é um processo complexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu a compreensão sobre os itinerários formativos do Novo Ensino Médio e a reflexão sobre as noções de interdisciplinaridade. Dessa forma, percebermos que não é uma tarefa fácil, diante tantas questões que devem ser contempladas nas escolas, como, por exemplo, a realidade dos jovens estudantes e a compreensão dos docentes do que pode ser reconhecido como o trabalho disciplinar. Percebemos que a ação individualista nesse processo não auxiliar em seu desenvolvimento, pois compreendemos que a sociedade não poderá ser alterada por meio das vontades individuais das pessoas, sendo assim, deve ser uma tarefa coletiva.

Desse modo, torna-se necessário o aprofundamento dos profissionais docentes sobre os limites das suas disciplinas e as possibilidades de interdisciplinaridade. Além disso, é fundamental a compreensão na complexidade das questões que envolvem o conhecimento e a recusa de um conhecimento fragmentado, como maneira de possibilitar a formação global e integral dos estudantes. Assim como consideramos imprescindível a continuação das produções acadêmicas neste sentido, tanto como maneira de reconhecimento das fragilidades do percurso, quanto nas possibilidades e vivências que podem inspirar e contribuir na prática e reformulação do pensamento docente.

REFERÊNCIAS



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

BALL, S. J., BOWE, R. & GOLD, A.. **Reforming education & changing school: case studies in policy sociology.** London – New York: Routledge, 1992.

BALL, Stephen J.; MAGUIRE, Meg; BRAUN, Annette. **Como as escolas fazem as políticas.** 23. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016.

BRASIL (2018). **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio.** Ministério da Educação — MEC, Brasília.

BRASIL. **Lei n.º 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. Conversão da Medida Provisória [S. l.], 16 fev. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em: 12 abr. 2022.

FAZENDA, Ivani (org.) **O Que é interdisciplinaridade?** — São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOPES, Alice Casimiro. **Itinerários formativos na BNCC do Ensino Médio: identificações docentes e projetos de vida juvenis.** Retratos da escola 13.25 (2019): 59 – 75.

MEC. **Novo Ensino Médio – perguntas e respostas.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/40361-novoensino-medio-duvidas>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação.** Porto Alegre, 2015.